

Literatura espiritual e história dos franciscanos no Oriente Português: a escrita de Jacinto de Deus, um frade nascido na Cidade do Nome de Deus de Macau¹

Spiritual literature and history of the Franciscans in the Portuguese East: the writing of Jacinto de Deus, a monk born in the City of the Holy Name of God of Macau

Patrícia Souza de Faria*

Submetido em 30 de março de 2011 e aprovado em 3 de maio de 2011.

Resumo:

Analisamos os escritos de frei Jacinto de Deus (1612-1681), cuja produção foi vasta, por incluir literatura de espiritualidade, um espelho de príncipes e a obra *Vergel de plantas e flores*, na qual é narrada a história dos franciscanos no Império Asiático Português, como um esforço de construção da memória dos franciscanos da mais Estreita Observância (Capuchos), após a conquista da autonomia institucional em relação à Província de Portugal.

Palavras-chave:

Império Asiático Português. Franciscanos. História das missões católicas.

Abstract:

We analyze the writings of Br. Jacinto de Deus (1612-1681), whose output was extensive, including literature on spirituality, a mirror

¹ Este artigo é um desdobramento do projeto de pesquisa *Nobres vassallos entre virtudes e males da terra: escrita e identidade de clérigos nativos do império asiático português (séculos XVII-XVIII)*, que possui financiamento do CNPq (Edital MCT/CNPq/MEC/CAPES No. 02/2010) e da FAPERJ (Auxílio Instalação – 2010).

* Doutora em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da UFRJ. Autora da tese “A Conversão das almas do Oriente. Franciscanos, poder e catolicismo em Goa (séculos XVI e XVIII)”. Contato: psouzadefaria@yahoo.com.br.

for princes, and the work *Vergel de plantas e flores* (Garden of plants and flowers), in which is narrated the history of the Franciscans in the Portuguese Asian Empire, as an effort at preserving the memory of the Observant Franciscans (Capuchin), after achieving institutional autonomy in relation to the Province of Portugal.

Keywords:

Portuguese Asian Empire. Franciscans. History of the Catholic missions.

Introdução

“Mar caudalossíssimo donde vão parar todos os rios da sabedoria capucha”² – foi a caracterização de frade Jacinto de Deus elaborada por um companheiro da Ordem de São Francisco. Não obstante o teor acentuadamente apologético das palavras citadas, Jacinto de Deus pode ser considerado o grande construtor da memória “capucha” no Oriente Português, por ter se tornado um profícuo autor de textos que registraram a história dos frades da mais Estreita Observância e sintetizaram os traços dessa espiritualidade cultivada nas terras asiáticas que estiveram sob a administração da Coroa portuguesa³.

Almejamos analisar os escritos de Jacinto de Deus, franciscano nascido em 1612, em Macau, uma das localidades que compuseram o Império Asiático Português⁴. Filho do português Pedro Soares Vivas e de Cecília da Cunha, mulher nativa da China, Jacinto de Deus era neto do português Tomás Brás da Fonseca, que exerceu importantes cargos em Macau, onde foi provedor da Misericórdia⁵, função que conferia prestígio aos seus ocupantes, sobretudo naquela região do Império Português, tão dependente do comércio marítimo e onde a instituição exerceu um importante papel no financiamento dos negócios locais⁶. Jacinto de Deus

² Frase de frei Manoel Lampraia em: DEUS, Jacinto de. *Escudo dos cavalleiros das ordens militares*. Lisboa: António Craesbeeck Melo, 1670, p. 3v.

³ Sobre os domínios portugueses localizados no Oriente e a sua diversidade de estatutos, consultar: THOMAZ, Luiz Filipe. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Ed. Difel, 1994.

⁴ A reflexão sobre a história económica, social e política de Macau, bem como a sua inserção no âmbito do Império Asiático Português, pode ser consultada em: VALE, A. M. Martins do. Macau. In: SERRÃO, Joel; MARQUES, A. H. Oliveira. *Nova História da expansão portuguesa*. Lisboa: Editorial Estampa, 2006, v.5, t. 2, p.333-387; MARQUES, A. H. Oliveira. *História dos portugueses no Extremo-Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente, 1998.

⁵ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Tribunal do Santo Ofício, Conselho Geral, Habilitações, Jacinto, mç. 3.

⁶ SÁ, Isabel dos Guimarães. Ganhos da terra e ganhos do mar: caridade e comércio na Misericórdia de Macau (séculos XVII- XVIII). *Ler História*, Lisboa, v.44, p.45-57, 2003. A autora afirma que a atividade creditícia da Misericórdia de Macau esteve associada aos ganhos do mar (empréstimos aos proprietários de navios) e aos da terra (empréstimos para atividades ligadas ao mercado interno).

recebeu o hábito da Ordem de São Francisco em 1630 e atuou na Província da Madre de Deus de Goa, onde foi eleito custódio em 1646 e provincial em 1658, além de ter ocupado a função de guardião do Convento da Madre de Deus (1661), de comissário-geral da sua ordem religiosa e de deputado do Santo Ofício de Goa. Morreu no Convento da Madre de Deus de Goa com a idade de 69 anos, no dia 8 de maio de 1681⁷.

Jacinto de Deus foi autor de um considerável número de textos impressos no século XVII, caracterizados pela diversidade de gêneros, que incluem um espelho de príncipes, um compêndio sobre as diversas ordens militares, literatura de espiritualidade e uma crônica dos franciscanos da mais Estreita Observância (ou capuchos) no Oriente Português. A importância da escrita de Jacinto de Deus é ressaltada em decorrência das poucas fontes existentes sobre a atividade dos franciscanos na Ásia, se cotejada com a profusão de cartas, relações anuais e crônicas elaboradas por outras ordens religiosas, como a Companhia de Jesus.

Os franciscanos e a escrita da história das missões católicas no Oriente

A escrita da história das missões católicas no Oriente concentrou-se na ação da Companhia de Jesus, em decorrência, especialmente, do precoce esforço jesuítico de construção de uma memória e da propaganda dos feitos dessa congregação religiosa, o que propiciou a produção de vasta documentação⁸. A abundância de fontes jesuíticas, por sua vez, favoreceu a concentração de estudos sobre os inicianos. Por conseguinte, a predominância de estudos sobre os jesuítas favoreceu a criação de um axioma historiográfico: a atribuição de toda criatividade e capacidade de adaptação aos contextos culturais asiáticos à Companhia de Jesus⁹.

Ainda que os dados empíricos evidenciem que os jesuítas não desfrutaram de total preeminência no espaço missionário asiático – por exemplo, em torno de 1630, a quantidade de frades da Ordem de São Francisco e a de jesuítas que atuavam na Índia eram muito próximas¹⁰ –, permanece uma visão pouco equânime a respeito dos métodos de conversão e atividades proselitistas desenvolvidas por outras ordens

⁷ BOXER, C. R. Um macaense ilustre Frei Jacinto de Deus (1612-1681). Macau: Escola Tipográfica do Orfanato, 1937; SILVA, Innocencio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, MDCCCLIX, t.3, p. 238.

⁸ ŽUPANOV, Inêz. *Missionary Tropics: Jesuit Frontier in India (16th-17th century)*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005, p.2.

⁹ CUMMINS, J. S. Two Missionary Methods in China: mendicants and jesuits. *Archivum Franciscanum Historicum*, Firenze, n. 38, p.33-108, 1978.

¹⁰ XAVIER, Ângela Barreto. Itinerários franciscanos na Índia seiscentista, e algumas questões de método. *Lusitania Sacra*, v.18, p.87-116, 2006.

religiosas. O desaparecimento de fontes manuscritas e o investimento menos expressivo de ordens religiosas na preservação da memória de sua atividade no Oriente favoreceram a perpetuação da escrita da história das missões extremamente centrada na ação dos jesuítas.

Faz-se necessário destacar que os franciscanos foram os primeiros religiosos que chegaram à Índia, na época moderna. Em 1500, os franciscanos lá chegaram sob o comando de frei Henrique de Coimbra, o mesmo frade que celebrou a primeira missa no Brasil. Os franciscanos foram os primeiros clérigos regulares que se fixaram na Índia, em 1517, com a criação do comissariado¹¹ da Ordem de São Francisco na Índia. O primeiro bispo de Goa, D. Juan de Albuquerque, foi um franciscano, o que também denota a significativa participação dos frades menores na montagem da organização religiosa do Estado da Índia, porém não são abundantes as fontes quinhentistas sobre a Ordem de São Francisco no Oriente Português. Por um lado, é preciso destacar que em decorrência do tipo de suporte, como os manuscritos, podem não ter sobrevivido alguns escritos franciscanos. Fernando Bouza Alvarez destaca que um dos aspectos da história da comunicação na Idade Moderna é a forte presença de textos ainda em formato manuscrito, em que se encontravam as fontes, as autoridades, os temas apropriados pelo leitor. Nesse sentido, o manuscrito pode ser compreendido como completo e como competidor do impresso, ao oferecer um sistema ágil de cópias, de traslados, mesmo após o advento da imprensa¹².

Goa, capital do Estado da Índia¹³, contava com a tipografia desde o século XVI, cuja atividade estava associada às ações do arcebispado e dos jesuítas, cujos esforços editoriais tiveram conjunturas de maior intensidade

¹¹ A Ordem de São Francisco divide-se em Províncias ou grupos de conventos governados pelo Ministro Provincial – também chamado de Provincial. Por motivos de distância ou outras razões, os vários conventos de uma Província podiam formar uma Custódia, que passava a ser governada com certa independência por um prelado denominado Custódio, eleito no Capítulo Provincial. Dessa forma, as Custódias localizam-se abaixo das Províncias religiosas, no âmbito da organização administrativa. Cada Custódia tinha jurisdição sobre um conjunto de conventos, colégios, casas e reitorias franciscanas. A jurisdição da Custódia e da Província relaciona-se, em última instância, com os edifícios religiosos, uma vez que em uma mesma região podem existir conventos tutelados por Custódias ou Províncias diferentes. LOPES, Fernando Félix. *Colectânea de estudos de História e Literatura*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1997, 3 v.

¹² ÁLVAREZ, Fernando Bouza. *Corre manuscrito: una historia cultural del siglo del oro*. Madrid: Marcial Pons, 2000.

¹³ “Estado da Índia” foi a designação concedida aos domínios, conquistas, territórios, bens, fortalezas e feitorias administradas pela Coroa portuguesa, situados desde a costa oriental africana até Macau, de forma descontínua.

e reflexos¹⁴. Dispomos de um rol das obras elaboradas por jesuítas no Oriente¹⁵, ao passo que os franciscanos alegavam a falta de recursos financeiros para imprimir as suas obras, como justificou frei Miguel da Purificação, ao solicitar a impressão de dois manuscritos escritos por companheiros da Ordem de São Francisco, pedido feito ao rei Felipe II¹⁶. No início do século XVIII, frei Clemente de Santa Iria apresentou uma lista de obras redigidas por franciscanos, mas informou que:

Não se tem dado ao prelo muitos desses livros, visto carecermos de cabedais, pela pobreza evangélica que professamos e os que deram à estampa se devem à diligência dos autores que souberam dedicar os seus livros a pessoas reais e ilustres, as quais mandaram imprimir com seu dispêndio.¹⁷

Contudo, não podemos deixar de notar que a alusão à “pobreza” compunha a retórica dos franciscanos, ou seja, isto não deve ser assumido como o motivo exclusivo que inviabilizou a impressão de escritos pela Ordem de São Francisco. É preciso notar que a construção da memória sobre os franciscanos na Ásia foi relativamente tardia, visto que a primeira crônica sobre os frades menores no Oriente, de autoria de frei Francisco Negrão¹⁸, foi escrita quase cem anos após a fixação dos franciscanos na Índia. Enquanto, em 1589, foi publicada *Le storie delle Indie Orientali*, de autoria do jesuíta Giovanni Pietro Maffei – um ano após a edição em latim –, menos de cinquenta anos após a chegada dos inicianos à Índia¹⁹. Sobre a obra de Francisco Negrão, desconhecemos a localização de algum exemplar, mas sabemos de sua existência por ter sido citado por outros autores, como frei Paulo da Trindade, Jacinto de Deus, Francisco de Sousa, Fernão Queiróz. Desse modo, a narrativa mais antiga e sistemática sobre os franciscanos na Índia é de autoria do macaense frei

¹⁴ CURTO, D. Ramada. *Cultura imperial e projetos coloniais: séculos XV a XVIII*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2009; PINTO, Rochelle. *Between empires: print and politics in Goa*. New Delhi: Oxford University Press, 2007; Rochelle Pinto; GARMES, Hélder (org.). *Oriente: engenho e arte*. Imprensa e literatura de língua portuguesa em Goa, Macau e Timor Leste. São Paulo: Alameda, 2004.

¹⁵ Biblioteca Nacional de Lisboa, Códice 176, fl. 75-76.

¹⁶ PURIFICAÇÃO, Frei Miguel da. *Relação defensiva dos filhos da Índia Oriental e da Província do apóstolo S. Thomé dos Frades Menores da Regular Observância da mesma Índia*. Barcelona: Sebastião e João Matheua, 1640, fl.28v.

¹⁷ REGO, A. Silva. *Documentos para história das missões do Padroado Português no Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente/CNCDP, 1993, v. 5, p. 496.

¹⁸ LOPES, Fernando Félix. *op.cit.*

¹⁹ CURTO, Diogo Ramada. Questionamento das identidades. In: BETHENCOURT e CHAUDHURI (dir.) *História da expansão portuguesa*. Navarra: Círculo de Leitores, 1998, v.2, p. 458-531.

Paulo da Trindade, escrita na década de 1630 e intitulada *Conquista espiritual do Oriente*²⁰.

A volumosa obra de Paulo da Trindade tratava-se de uma apologia dos franciscanos e, ainda que contenha dados imprecisos, tornou-se uma narrativa bem documentada da história dos frades da Regular Observância da Província de São Tomé da Índia Oriental²¹. O autor, nascido em Macau, foi homenageado por outro franciscano nascido no Oriente, o frade indiano Miguel da Purificação, que redigiu duas obras conhecidas. Uma delas era literatura dedicada à espiritualidade, *Vida evangélica y apostolica de los frayles menores*²², enquanto a *Relação defensiva dos filhos da Índia Oriental* inseriu-se na categoria de escritos polêmicos, redigidos no bojo das contendas entre franciscanos nascidos na Índia e franciscanos nascidos em Portugal, que disputavam a ocupação de benefícios eclesiásticos. O segundo livro de Miguel da Purificação insere-se, igualmente, no âmbito das controvérsias em torno da instituição de uma província franciscana na Índia (a da Regular Observância de São Tomé), dotada de autonomia em relação à Província de Portugal da Ordem de São Francisco.

Tanto Paulo da Trindade quanto Miguel da Purificação pertenceram à Custódia (e depois Província) da Regular Observância de São Tomé, isto é, eram franciscanos do movimento da Observância que se distinguiram dos frades conventuais (ou claustrais) e estimularam as reformas espirituais caracterizadas pela observância integral da Regra de São Francisco, disciplina mais austera, exaltação da pobreza evangélica, defesa da simplicidade das construções franciscanas, da oração mental e da pregação popular. Os escritos de Paulo da Trindade e de Miguel da Purificação evidenciam o esforço de exaltar os feitos dos frades da Regular Observância da Província de São Tomé da Índia Oriental, ao passo que Jacinto de Deus promoveu um esforço similar a fim de registrar a história do estabelecimento e das ações promovidas por franciscanos de outra corrente espiritual, a da mais Estreita Observância, ou capuchos, que, no Oriente, conquistaram a autonomia em relação à Província de Portugal e saíram da tutela da Província de São Tomé da Índia Oriental da Regular

²⁰ FARIA, Patricia Souza de. A conquista espiritual da Índia: armas e evangelho na obra de Frei Paulo da Trindade In: MONTEIRO, Rodrigo Bentes (org.). *Espelhos deformantes: fontes, problemas e pesquisas em História Moderna (séc.XVI-XIX)*. São Paulo: Alameda, 2008, p. 2-16.

²¹ LOPES, Fernando Félix. *op. cit.*

²² PURIFICAÇÃO, Frei Miguel da. *Vida evangélica y apostolica de los frayles menores*. Barcelona: Gabriel Nogues, 1641.

Observância apenas na primeira metade do século XVII, quando foi criada uma província separada: a Província da Madre de Deus dos Capuchos²³.

Em Portugal, os franciscanos da Regular Observância estiveram reunidos na Província de Portugal (1517), Algarves (1532) e São João Evangelista (1639), enquanto as províncias da mais Estreita Observância eram: Província da Piedade (1517 e 1518), da Arrábida (1560), de Santo Antônio, estabelecida em 1568. Em 1673, a Província da Piedade subdividiu-se com a formação da Província da Soledade e, em 1705, foi fundada a da Conceição. Na Ásia, os franciscanos estiveram sob a tutela da Província de Portugal, até que fossem criadas as Províncias de São Tomé da Índia Oriental da Regular Observância e da Madre de Deus da mais Estreita Observância.

O movimento da mais Estreita Observância constituiu a expressão mais forte e radical do franciscanismo em busca do espírito das “origens”, pautado na preocupação ascética mediante o rigor da penitência, da pobreza evangélica e da busca pela elevação mística²⁴. Jacinto de Deus tornou-se um porta-voz dos frades capuchos no Oriente, como analisaremos adiante.

Os escritos de frei Jacinto de Deus

A obra de Jacinto de Deus tem uma importância fulcral diante do número relativamente reduzido de escritos produzidos por franciscanos que atuaram no Oriente, pois este franciscano teve várias de suas obras impressas, as quais apresentam uma variedade de temas e propósitos. Em 1670, o Escudo dos cavaleiros das ordens militares foi publicado em Lisboa, obra que Jacinto de Deus dedicou a D. Rodrigo de Castro, definido como senhor de Sirigão, terras do norte (em Damão). Na primeira parte do livro, narrou as origens de conhecidas ordens militares – como a Ordem de Cristo, de Avis, Alcântara, Templários, Santo Sepulcro – e outras ignotas, que não foram confirmadas pelo pontífice romano, como a de Santa Maria do Elefante ou dos Cavaleiros do Lírio. Na segunda, analisou os estatutos das ordens militares ao indicar os seus privilégios, foros, a relação que estabeleceram com a jurisdição ordinária

²³ Na Espanha, os frades da Mais Estreita Observância eram chamados de “descalços”, pois os mais austeros dispensavam até as sandálias, já em Portugal eram chamados de “Capuchos”, dado o estilo pontiagudo do capelo.

²⁴ DIAS, José Sebastião da Silva. *Correntes de sentimento religioso em Portugal: séculos XVI a XVIII*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960, p.145.

do bispo e discutiu se os cavaleiros destas ordens assemelhavam-se aos eclesiásticos²⁵.

No mesmo ano, frei Jacinto de Deus teve outra obra publicada, *Tribunal da Província da Madre de Deus dos Capuchos da Índia Oriental*, na qual apresentou definições relativas aos tipos de direito (natural, civil e canônico) e detalhou as atribuições dos frades da Ordem de São Francisco que assumissem as funções de provincial, definidores, guardiães, porteiros, sacristães, enfermeiros ou hortelão. O livro revela qual era a expectativa de cotidiano idealizado pelos franciscanos, ao apresentar quais aspectos da vida em comum e do exercício da espiritualidade seriam fiscalizados, por meio da apresentação de roteiros de inquirição que deveriam ser adotados por provinciais ou outros visitantes. A guisa de exemplo, provinciais e visitantes precisavam verificar se era observada a “modéstia, silêncio e gravidade”, se os ofícios eram realizados de maneira devota ou apressada, se era observada a prática de jejuns e orações mentais; se existiam frades muito falantes e se o teor das conversas nos claustros, sacristias e capelas não eram assuntos religiosos; no que concerne aos recursos financeiros, se as esmolas eram empregadas adequadamente e se frades contraíram empréstimos com seculares ou outras pessoas; se trajavam “mais de um hábito, & uma túnica, dois panos menores. Se algum veste de pano diferente” do definido nos Estatutos da Ordem de São Francisco. Além de outros questionamentos que frei Jacinto de Deus recomendou aos responsáveis, “que não o deixem de fazer por preguiça”, a fim de que agissem como bons pastores²⁶.

Em 1671, foi publicada a obra *Brachilogia de príncipes*, um texto inspirado no gênero de Espelhos de príncipes (*Speculum principis*) e que foi dedicado ao príncipe regente D. Pedro: “O Príncipe é espelho, em que todos olham; fonte, onde todos bebem”.²⁷ Esta obra acompanhou, em parte, as transformações no pensamento político ibérico (a difusão dos preceitos da “política católica”, isto é, do tacitismo, do pragmatismo moderado que se nutre de fontes cristãs), adotou noções de caráter absolutista para caracterizar o príncipe (comparado com o “sol”), mas preservou elementos da concepção corporativa da sociedade, ao afirmar que a república não é para o rei, mas este para a república²⁸.

Em 1689, foi impresso o *Caminho dos frades menores* para a vida eterna, que obteve uma segunda edição em Coimbra (em 1721). No

²⁵ DEUS, Jacinto de. *Escudo dos cavaleiros... op.cit.*

²⁶ DEUS, Jacinto de. *Tribunal da Província da Madre de Deus dos Capuchos da Índia Oriental*. Lisboa: Antonio Craesbeeck de Mello, 1670, p. 73-79.

²⁷ DEUS, Jacinto de. *Brachilogia de Príncipes*. Lisboa: Antonio Craesbeeck, 1671, p. 9.

²⁸ XAVIER, Ângela e HESPANHA, A. M. A representação da sociedade e do poder. In: HESPANHA, A. M. (coord.). *História de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 121-155.

livro, Jacinto de Deus apresentou uma síntese da doutrina e das regras da Ordem de São Francisco, concebidas como perfeitas, puras e santíssimas: “um caminho muito certo, & seguro para a glória”.²⁹ Na seção dedicada aos conceitos encomiásticos de São Francisco, Jacinto de Deus conferiu-lhe características que o representavam como “substituto” de Cristo, por meio da atribuição da essência perfeita do Messias ao fundador da Ordem de São Francisco – concepção tradicionalmente difundida na literatura franciscana, que descreve Francisco da Assis como o modelo humano que mais se aproximou da vida de Cristo³⁰.

Em 1690, publicou-se *Vergel de plantas e flores da Província da Madre de Deus dos Capuchos Reformados*³¹, obra que será analisada de forma mais detalhada adiante, a fim de identificar as operações ligadas à escrita da história dos franciscanos narrada por Jacinto de Deus e reconhecer os elementos presentes na escrita do frade que caracterizaram a espiritualidade capucha.

Além das obras impressas, frei Jacinto de Deus redigiu manuscritos, que foram citados no levantamento de Diogo Barbosa Machado: *Cadeia de escravos da Madre de Deus, Esmola para as almas do purgatório, Arte de viver, Trono de serafins e Triunfo da Conceição de Nossa Senhora*³².

Acerca das leituras e dos livros a que frei Jacinto de Deus poderia ter acesso para compor as suas próprias obras, podemos conjecturar o tipo de literatura que estava disponível na biblioteca de conventos franciscanos do Oriente Português, com base no inventário setecentista de livros e manuscritos do Convento de Santo Antônio da Vila de Taná (na Índia) dos frades da mais Estreita Observância (da mesma corrente espiritual seguida por Jacinto de Deus)³³. No mencionado inventário, frei Simão de Jesus Maria revelou a existência de 255 volumes, montante significativo para época, sobretudo por ter excluído as obras danificadas por excrementos de aves e morcegos do cômputo realizado.

²⁹ DEUS, Jacinto de. *Caminho dos frades menores para a vida eterna*. Lisboa: Miguel Deslandes, 1689, p. 9.

³⁰ PELIKAN, Jaroslav. *A Imagem de Jesus ao longo dos séculos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2000. Jacinto de Deus, na parte dos conceitos encomiásticos de São Francisco, postulou que Deus se diminui para Francisco crescer, mas cresceu Francisco para Deus ser maior em nosso conhecimento; sendo mais de muito, o que Deus deu ao mundo, dando-lhe seu Unigênito Filho Encarnado; também muito foi, o que seu Filho lhe deu, dando-lhe a Francisco, seu Retrato. DEUS, Jacinto de. *Caminho dos frades... op.cit.*

³¹ DEUS, Jacinto de. *Vergel de plantas e flores da Província da Madre de Deus dos Capuchos Reformados*. Lisboa: Miguel Deslandes, 1690.

³² MACHADO, Diogo Barbosa. *Summario da Bibliotheca Lusitana*. Lisboa: Antonio Gomes, MDCCLXXXVI, t. II, p. 205.

³³ Biblioteca Nacional de Lisboa, Códice 176, fl. 91-92.

Os livros dedicados a matérias eclesiásticas predominaram, pois foram citadas algumas obras de padres da Igreja, as Escrituras Sagradas, a Concordância Bíblica (*Concordantiae bibliorum*), a *História eclesiástica* de Eusébio de Cesareia, escritos do franciscano Nicolau de Lira, bem como obras e comentários de São Boaventura. Tomás de Aquino foi referenciado, além de canonistas como Martinho de Ledesma e Martín de Azpicuelta Navarro, também citado na parte do inventário destinada a trabalhos produzidos por juristas³⁴, que incluiu a indicação de volumes do teólogo da Escola de Salamanca frei Domingo de Soto, bem como a menção a *Decretais*, a tomos relativos ao direito civil e eclesiástico³⁵. Havia obras dedicadas à instrumentalização da fé, como manuais de confessores, casos de consciência, catecismo romano, doutrina cristã, guia de pecadores e livros destinados ao aprimoramento moral. O Convento de Santo Antônio de Taná preservava obras de escritores latinos, como Cícero, Salústio, Ovídio, assim como comentários de Virgílio, de Horácio e escritos do humanista Calepino, dedicado à lexicografia³⁶.

Livros que caracterizaram a espiritualidade ibérica do século XVI – como o *Símbolo da fé* de Luís de Granada³⁷ – também constavam no inventário da biblioteca conventual dos frades da Índia. Além de livros que marcaram o desenvolvimento das correntes místicas cristãs, desde o medievo, como o *Cântico dos cânticos* e a obra sobre a vida de frei Henrique de Suso, que, junto aos dominicanos Johann Tauler e Mestre Eckhart, foi um grande expoente do misticismo cristão elaborado no norte da Europa³⁸. A presença dessa literatura mística coaduna-se com as referências literárias que inspiraram o ramo espiritual da mais Estreita Observância. Cabe ressaltar que na mencionada biblioteca existiam duas obras de autoria de Jacinto de Deus, o *Caminho dos frades menores para a vida eterna* e *Vergel de plantas e flores da Província da Madre de Deus dos Capuchos Reformados*, ambas analisadas adiante³⁹.

³⁴ BUESCU, Ana Isabel. Livrarias conventuais no Oriente Português: os casos de Santo Antonio de Tana e de Santa Cruz dos Milagres (Goa). *História de além-mar*. Lisboa, CHAM, v. 2, p. 33-46, 2001.

³⁵ Como nem sempre constam as duas informações, referente ao título da obra e ao nome do autor, ou ambas são citadas de forma incompleta, torna-se difícil reconhecer com precisão algumas obras citadas. Na parte de juristas, consta “Covarrubias”, trata-se provavelmente de Diego de Covarrubias y Leiva, teólogo da Escola de Salamanca. Sobre o pensamento político desenvolvido pelos teólogos da “Escola de Salamanca”, ver: SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 414-449.

³⁶ Biblioteca Nacional de Lisboa, Códice 176, fl. 91-92.

³⁷ BATAILLON, Marcel. *Erasmus y Españã*. México, D.F.: FCE, 2007.

³⁸ DIAS, José Sebastião da Silva. *op. cit.*

³⁹ Biblioteca Nacional de Lisboa, Códice 176, fl. 91-92.

Em memória dos franciscanos: a defesa da primazia seráfica no Oriente

Em *Caminho dos frades menores para a vida eterna*, Jacinto de Deus dedicou-se aos temas espirituais⁴⁰, sem negligenciar a defesa da primazia da Ordem de São Francisco na história das missões, pois enfatizou esta característica desta ordem mendicante que, desde os séculos iniciais de existência, contou com frades dedicados à pregação do Evangelho no Velho Mundo e entre infiéis, cujo protótipo era São Francisco de Assis, pois o fundador da ordem foi representado em hagiografias como missionário que partiu para terra de infiéis e tentou converter o sultão do Egito.

Um dos lugares-comuns (*topoi*) da escrita franciscana é a alusão à primazia seráfica, explicada pela ação missionária pioneira dos franciscanos na Ásia. Os escritores franciscanos recordaram incisivamente a presença de franciscanos na Ásia, desde os tempos medievais, cujo resultado foi o martírio de franciscanos em Taná, nos arredores de Bombaim, episódio fatídico descrito em detalhes por Odorico de Pordenone⁴¹. Jacinto de Deus perpetuou a crença sobre o martírio dos frades em Taná, no período medieval, tópica recorrente na construção da memória da presença franciscana no Oriente⁴². Outro franciscano e macaense, frei Paulo da Trindade, considerava que a primazia franciscana era justificada em decorrência do derramamento de sangue dos frades mártires de Taná, que atuaram no Oriente muito antes da chegada dos portugueses.

Paulo da Trindade alegou, igualmente, que os franciscanos iniciaram a atividade missionária na Índia quarenta e dois anos antes de qualquer outra ordem religiosa, o que mencionou em alusão à chegada dos jesuítas, em 1542, sob a liderança de Francisco Xavier⁴³. Este frade dedicou a sua obra – a *Conquista espiritual do Oriente* – a São Tomé, descrito como o apóstolo que evangelizou a Índia no primeiro século

⁴⁰ DEUS, Jacinto de. *Caminho dos frades... op. cit.*

⁴¹ PORDENONE, Odorico de. Relatório. In: *Crônicas de viagem: franciscanos no Extremo Oriente antes de Marco Polo (1245 -1330)*. Porto Alegre/Bragança Paulista: EDIPUCRS/Ed.USF, 2005, p. 290-299.

⁴² DEUS, Jacinto de. *Vergel de plantas...op.cit.*

⁴³ TRINDADE, Frei Paulo da. *Conquista espiritual do Oriente: em que se dá relação de algumas cousas mais notáveis que fizeram os Frades Menores da Santa Província de S. Tomé da Índia Oriental em a pregação da fé e conversão dos infiéis, em mais de trinta reinos, do Cabo de Boa Esperança até as remotíssimas Ilhas do Japão [1630-1636]*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1962-1967. 3 v.

da era cristã⁴⁴, ao passo que os franciscanos foram representados como aqueles que seguiram os passos deste apóstolo: “foram os Frades Menores que, sendo os primeiros religiosos que a ela vieram” e acenderam “a luz da Fé que já tínheis acendido e pelas injúrias do tempo estava quase apagada, convertendo a muitos idólatras”.⁴⁵

Jacinto de Deus explicou que enfatizava a primazia da Ordem de São Francisco em sua totalidade, ou seja, que não atribuiria o pioneirismo exclusivamente à corrente a qual se filiou: a da mais Estreita Observância. Adotou, em algumas passagens, uma atitude irenista por não polemizar diante das diferenças entre as correntes, pois asseverou que a divisão da Ordem de São Francisco em três orientações seria similar à Santíssima Trindade: claustrais (ou conventuais), observantes e capuchos.

Os primeiros obreiros que passarão a rolar os matos do paganismo desta Índia Oriental, foram os Frades Menores Fr. Henrique de Coimbra, com mais sete companheiros, três deles logo padecerão em Calicute pela confissão da Fé [...] porém em uns fragmentos muito antigos, que eu sendo Ministro Provincial desta nossa Província da Madre de Deus, achei nos Arquivos dela, se afirma que o sobredito Frade Fr. Henrique, & seus companheiros, eram filhos da Província da Piedade dos Capuchos em Portugal: mas eu o não resolvo, por não ser de minha profissão resolver dúvidas particulares, senão tratar da Ordem em comum, cujo fim é a pregação do Evangelho. Estes foram os primeiros que pregarão no Brasil, & nesta Índia Oriental, onde por espaço de quarenta e dois anos sustentarão sós o *pondus*, & *aestus* desta grande máquina [...] E porque no zelo da salvação das almas nunca os Frades Menores fossem os segundos, onde não poderão ser os primeiros que dessem princípio à conversão, foram os primeiros sempre, que confirmarão a Fé com suas vidas [...].⁴⁶

Ainda que Jacinto de Deus argumentasse em defesa dos serviços espirituais prestados por todos os franciscanos no Oriente, tentou provar que os frades que deram princípio à Província de São Tomé da Índia Oriental (da Regular Observância) foram, na verdade, os franciscanos da mais Estreita Observância da Província da Piedade. Mencionou que D. João III teria escolhido estes frades capuchos para se tornarem os primeiros bispos da Índia: Fernando Vaqueiro e Juan de Albuquerque⁴⁷. Jacinto de Deus recordou façanhas particulares de frades capuchos,

⁴⁴ Sobre as tradições que afirmam ter sido São Tomé o responsável pela evangelização da Índia, ver: HOLANDA, S. B. de. *Visão do paraíso*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; THOMAZ, L. F. A lenda de São Tomé Apóstolo e a expansão portuguesa. *Lusitania Sacra*: Revista do CEHR. Lisboa: UCP, t. III, p. 349-388, 1991.

⁴⁵ TRINDADE, Frei Paulo da. *op. cit.*

⁴⁶ DEUS, Jacinto de. *Caminho dos frades... op. cit.* p. 15-16.

⁴⁷ O CHRONISTA de Tisuary. *Nova Goa*: Imprensa Nacional, n.33, set., v. 3, p. 213-214, 1868.

como a de frei Vicente de Lagos, que teria sido o grande articulador da conversão do rei de Tanor⁴⁸, episódio que foi enaltecido em diversas crônicas franciscanas⁴⁹, como uma conquista fundamental no âmbito das relações diplomáticas e da penetração da influência portuguesa no litoral do Malabar⁵⁰. O empenho de Jacinto de Deus em enaltecer os feitos de frades da mais Estreita Observância torna-se evidente ao ser consultada outra obra: o *Vergel de plantas e flores*.

Vergel de plantas e flores: entre a hagiografia e a história dos frades capuchos

Nos primórdios de *Vergel de plantas e flores da Província da Madre de Deus dos Capuchos Reformados*⁵¹, Jacinto de Deus revelou o seu propósito de escrever a respeito de “muitos Varões da nossa Província, cujas heroicas virtudes, & vidas austeras mereceram a fama, que em pregão público os acreditasse, & o vulgo os chamasse Santos”.⁵² De fato, nesta obra publicada postumamente, a escrita de frei Jacinto de Deus é marcada pela sucessão de narrativas sobre franciscanos considerados ilustres, mas o autor foi cauteloso ao afirmar “que não queremos, nem pretendemos qualificar os Santos, as pessoas que não estiverem assim declaradas pela Igreja Romana, & se alguma vez usarmos do título de Santo” não deve ser tomado na acepção de aquele a quem se deve prestar culto. A postura de frei Jacinto pode revelar a lembrança de um recente episódio que levou o comissário-geral dos franciscanos da Índia, frei Francisco de Negreiros, a se explicar aos inquisidores de Goa, por ter sido suspeito de conduzir o enterro de frei José de Cristo como o de um santo mártir, sem que o defunto tivesse o reconhecimento papal. Em 1677, dois

⁴⁸ O rei de Tanor era tributário do samorim de Calicute e este, um dos principais soberanos da região da costa do Malabar (na Índia). Através da conversão ao catolicismo, o rei de Tanor esperava estabelecer alianças com os portugueses, para se fortalecer e desafiar a preeminência do samorim de Calicute. No plano interno, o rei de Tanor esperava a consolidação do seu poder, pois ele era apenas o regente, já que o seu irmão era o legítimo condutor do trono. Os portugueses criaram grandes expectativas quanto aos desdobramentos da conversão do rei de Tanor, por acreditar que esta iniciativa estimularia novos batismos de vários soberanos do Malabar. Ver: ARANHA, Paolo. *Il cristianesimo latino in India nel XVI secolo*. Milano: FrancoAngeli, 2006, p. 217-236.

⁴⁹ MONFORTE, frei Manoel de. *Chronica da província da Piedade*: primeira capucha de toda a Ordem, & Regular Observância de nosso Seráfico Padre. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes, 1696, p. 411-415.

⁵⁰ DEUS, Jacinto de. *Caminho dos frades...op.cit.* p. 76.

⁵¹ Vergel significa “pomar”, “lugar plantado de árvores frutíferas”. BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino, áulico, architectonico...Coimbra*: Collegio das Artes da Companhia de Jesus. Verbete: “vergel”.

⁵² DEUS, Jacinto de. *Vergel de plantas...op. cit.*

anos antes de findar a escrita de *Vergel de plantas e flores*, Jacinto de Deus acompanhou este processo inquisitorial, pois ele era deputado do Santo Ofício de Goa⁵³. Talvez explique o seu cuidado em definir com precisão o emprego da expressão “santo” para se referir aos seus companheiros franciscanos. Isso pode ser um indício de que Jacinto de Deus temesse ser acusado do delito pelo qual foi acusado Francisco Negreiros⁵⁴, por infligir o breve de Urbano VIII que proibiu o culto público antes de beatificação ou canonização⁵⁵.

No que concerne à cronologia, Jacinto de Deus narrou a história da presença dos capuchos desde os primeiros tempos da conquista portuguesa da Índia e as controvérsias ligadas à criação da Província da Madre de Deus da mais Estreita Observância, autônoma em relação à província franciscana mais antiga da Índia (a de São Tomé da Regular Observância) e à Província de Portugal. Estende a narrativa até 1679, ano em que concluiu a redação da obra. Jacinto de Deus selecionou os marcos fundadores da história dos capuchos na Índia: a chegada em 1500 sob a liderança de frei Henrique de Coimbra; os primeiros martírios no início do século XVI; a conversão do rei de Tanor⁵⁶ durante o reinado de D. João III; a criação do primeiro convento da mais Estreita Observância com o apoio do arcebispo de Goa D. Gaspar de Leão e as datas de criação da Custódia e depois Província da Madre de Deus.

A respeito da história institucional dos franciscanos da mais Estreita Observância, Jacinto de Deus dignificou o papel de D. Gaspar de Leão, que se empenhou em promover a espiritualidade capucha no Oriente, ao solicitar à Província da Piedade (com sede em Portugal) que enviasse frades para a Índia. Mas foi outra província capucha do reino de Portugal que atendeu ao pedido do arcebispo, a Província da Arrábida, da qual partiram quatro frades, três dos quais morreram durante a viagem⁵⁷. Apesar do malogro, o arcebispo conseguiu o apoio do custódio da Província de São Tomé da Índia – frei João da Ceita – para a ereção do convento capucho da Madre de Deus de Goa, cujos estatutos e cerimônias foram inspirados pelo “estylo com que a Província da Arrábida vivia”. Jacinto de Deus descreveu as solenidades que acompanharam o dia em

⁵³ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, TSO-IL/028/14405.

⁵⁴ Ainda que seja possível identificar a mesma postura cautelosa em textos de outros franciscanos, como no relato setecentista do provincial da Província de São Tomé da Regular Observância, frei Clemente de S. REGO, A. Silva. *Documentos para História das Missões do Padroado Português no Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente/Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1993, v. 5, p.497.

⁵⁵ Regimento do Santo Ofício da Inquisição de Portugal, 1640, Livro III, título 20.

⁵⁶ Biblioteca da Ajuda de Lisboa, Cod. 51-VII-22, Índia Portuguesa, tomo IV, 1545-1546, fls. 165-170v.

⁵⁷ DEUS, Jacinto de. *Vergel de plantas...op. cit.* p. 26.

que se celebrou a fundação do convento, em 31 de outubro de 1569, e afirmou que o custódio nomeou “as novas plantas, que haviam de ser dispostas neste novo, & ameno Jardim, que em espírito de pobreza, eficácia de oração, observância da regra, a nenhuns eram segundos”.⁵⁸

No segundo capítulo, *Da ereção do Convento da Madre de Deus em Custódia*, foi mencionada a tentativa de criação da custódia capucha no Oriente, tema discutido no Capítulo Geral realizado em Roma, em 1571, mas a Província de Portugal opôs-se a esta decisão, afirmou Jacinto de Deus⁵⁹. A proposta foi retomada posteriormente, durante o Capítulo Geral de Valladolid, quando o ministro geral da Ordem de São Francisco (frei Boaventura de Calatagirona) aprovou a criação da custódia capucha na Índia, a qual ficaria sob a tutela da Província da Arrábida. Porém, a fundação da nova custódia não se consolidou, mais uma vez. Em 1612, foi definida a criação da custódia capucha, ao mesmo tempo em que a Custódia de São Tomé da Índia Oriental da Regular Observância foi elevada à condição de Província. No terceiro capítulo, Jacinto de Deus explicou que “durou pouco esta glória”, pois, assim que frei Trejo assumiu a função de ministro geral da Ordem de São Francisco, revogou as decisões tomadas, “mandando à Índia por Comissário Geral frei Sebastião dos Santos, filho da dita Província de Portugal, que com violência desfez a Província de São Tomé do seu novo estado, & a esta Custódia do seu antigo direito”, em 1614⁶⁰.

Finalmente, em 1620, a Custódia da Madre de Deus dos capuchos foi criada, com a responsabilidade de administrar 11 conventos localizados desde Goa até a China, terra natal de frei Jacinto de Deus. No sétimo capítulo, *Da criação de nossa Custódia em Província*, Jacinto de Deus demonstrou como os capuchos desejaram o fim da sujeição aos frades da Regular Observância da Província de São Tomé da Índia Oriental, o que foi ratificado pelo papa Gregório XV, em 1622. O pontífice também criou o cargo de vigário-geral das províncias capuchas da Espanha. Porém, na Índia, os frades da Regular Observância e o comissário-geral resistiram a essas inovações e, com o apoio do vice-rei Dom Francisco da Gama, fizeram com que o ouvidor-geral Paulo Rebelo aprisionasse alguns frades capuchos, para que fosse impedida a consolidação do breve papal. As resistências encontradas estimularam o envio de um procurador a Roma, em 1624, para defesa da autonomia institucional dos capuchos do Oriente, o que foi reiterado pelo papa Urbano VIII⁶¹. Mas

⁵⁸ *Idem*, p. 33-34.

⁵⁹ *Ibidem*, p. 58.

⁶⁰ *Ibidem*, p.9.

⁶¹ *Ibidem*, p. 354-390.

frei Jacinto discorreu sobre as contendias que ainda permaneceram nos anos iniciais de existência da província capucha do Oriente: “o Paraíso terreal se tornou Babilônia de confusões: tudo era caos, escondeu-se a luz da paz, prevaleciam as trevas de inumeráveis desordens”.⁶²

Letras e espiritualidade capuchas

Segundo Melquíades Andrés Martín, a espiritualidade franciscana está muito mais assentada na sapiência do que na sabedoria; na graça, em detrimento da doutrina; mais no desejo do que no entendimento; na oração e nem tanto na força do estudo⁶³. Em *Vergel de plantas e flores*, frei Jacinto de Deus não foi copioso na citação de autores para corroborar os seus argumentos. Mas, no início do livro, referiu-se a autores “estrangeiros” – Luis de Gusmão, Pietro Maffei, Juan de Mariana –, que supostamente teriam afirmado que os reis de Portugal foram os mais zelosos na expansão do catolicismo pelo mundo, com destaque para o envio, em 1500, de franciscanos “para roçar este mato do gentilismo”:

Os primeiros que meteram a foice da Fé nesta seara de sizanias do Paganismo e lançaram o formoso trigo da verdadeira religião, e cortando os espinhais, & matas da néscia Idolatria, fizeram um formoso Rosal dos mistérios da Fé Cristã; e porque fertilizaram este ameno jardim da Igreja Católica novamente plantado em terra Barbara, & rude, três deles, no mesmo ano, derramaram seu sangue em Calicute, para com ele regar, & aumentar este horto de novas plantas do Cristianismo.⁶⁴

No trecho acima, é possível reconhecer o mencionado tópico, recorrente nos escritos da Ordem de São Francisco, que é a defesa veemente da primazia seráfica e, no que concerne às missões do Oriente, a alegação de que os franciscanos atuaram sozinhos, 42 anos antes de outra ordem religiosa ter se estabelecido na Índia. Jacinto de Deus asseverou que os franciscanos “em 42 annos foram os únicos, & singulares cultores desta vinha Oriental”, teriam lançado “a semente da fé” e “regarão com o seu sangue as novas plantas, que do gentil ismo transpuseram neste jardim da Igreja Católica” e por meio do “o exemplo de suas vidas, o cercarão de valos, muros, fosso, & linhas”.⁶⁵

⁶² *Ibidem*, p.391.

⁶³ MARTÍN, Melquíades Andrés. La espiritualidad franciscana em España em tiempos de las observancias (1380- 1517). *Studia historica*. Historia moderna. n.º 6, p. 465-479, 1988.

⁶⁴ DEUS, Jacinto de. *Vergel de plantas... op. cit.*

⁶⁵ *Idem*, p. 1-20.

A linguagem utilizada por Jacinto de Deus em *Vergel de plantas e flores* demonstrou o uso de alusões à natureza, mais especificamente, ao ambiente de um jardim, ao “vergel” anunciado no título da obra, com sua vegetação e utensílios próprios: “semente”, “vinha”, “foice”, “seara”, “trigo”, “espinhais”, “matas”, “roseiral”, “jardim”, “terra”, “regar”, “horto”, “plantas”; diversas palavras no trecho citado acima reforçam a ideia de cultivo de novas comunidades cristãs por fecundos missionários – os franciscanos – mesmo em terras adversas: aquelas povoadas por idólatras.

Marina Massimi explicou que os franciscanos recorreram a imagens e ao estímulo dos sentidos para mobilizar os fiéis, o que pode ser atribuído à ênfase na pregação ao povo, que marcou as origens da Ordem de São Francisco. Em virtude da opção pelos “pobres” e diante de ouvintes não alfabetizados, os franciscanos desenvolveram habilidades para lidar com sociedades nas quais era predominante a cultura oral e, desse modo, privilegiaram o uso de imagens do mundo natural e de alusões a experiências do cotidiano para facilitar a compreensão da mensagem evangélica. Massimi afirmou que, mesmo na vertente erudita franciscana, é possível identificar o recurso a elementos figurativos para atingir o público, ao favorecer a criação de imagens interiores, com o intuito de atingir e moldar a vontade, o intelecto e a memória, ou seja, as faculdades da alma⁶⁶. Portanto, a retórica dos franciscanos foi marcada pela ideia de que o êxito missionário dos frades menores estava associado ao compromisso com a “pobreza evangélica”, com a modéstia, com a simplicidade, sobretudo nos círculos dos frades capuchos, por postularem que a pregação ideal não era o produto de técnicas de oratória complexas, mas inspirada pelo Espírito Santo, que fazia as palavras surgirem como “línguas de fogo”, decodificando o transcendente⁶⁷.

Outro elemento marcante na escrita de *Vergel de plantas e flores* foi a narrativa da história da criação de conventos edificadas no Oriente, o que principiou com a menção ao Convento da Madre de Deus de Goa. Acerca do Convento de Santo Antônio de Taná, do qual mencionamos o inventário de sua biblioteca, faz-se necessário destacar que foi fundado em 1582, sobre uma região em que os franciscanos alegaram ter sido enforcado o frade Pedro de Sena por muçulmanos, em 1320, no contexto das missões das ordens mendicantes na Ásia.

⁶⁶ MASSIMI, Marina. Imagens, dinamismo sensorial e elaborações retóricas no Brasil colonial. *Interamerican Journal of Psychology*, Vol. 43, n. 2, p. 374-382, 2009.

⁶⁷ XAVIER, Ângela Barreto. *A invenção de Goa*. Poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008; STRATHERN, Alan. *Os Piedosos and the mission in Índia and Sri Lanka in the 1540s*. In: D. JOÃO III E O IMPÉRIO. 2002, Lisboa, Tomar: *Actas...* Lisboa: CHAM: 2004, p. 855- 864.

Ao introduzir a narrativa sobre o Convento de Santo Antônio de Taná, frei Jacinto de Deus mencionou o livro bíblico que mais inspirou a mística cristã, o *Cântico dos cânticos* ou *Cantares* de Salomão, cujo texto é repleto de imagens bucólicas e se ajusta muito bem à imagem de “jardim” presente no título do livro do franciscano – *Vergel de plantas e flores*⁶⁸. Literalmente, o *Cântico dos cânticos* narra o amor de Salomão e Sulamita, todavia, foi apreendido por meio de um sentido alegórico; para os judeus, o poema bíblico aludia ao amor de Jeová pelo povo de Israel, ao passo que Orígenes, no século III, atribuiu-lhe um significado cristão, ao fazer de Cristo aquele que ama e de sua Igreja – ou a alma de cada um – o objeto amado⁶⁹.

Na escrita de um frade da mais Estreita Observância, como Jacinto de Deus, a valorização da vida contemplativa e o afastamento do mundo encontraram a sua melhor expressão no espaço dos conventos e eremitérios, descritos de forma alegórica a partir da interpretação peculiar dos versos dos *Cantares* de Salomão. Os franciscanos reformados – da regular e da mais Estreita Observância – buscavam, no eremitério, o espaço para estabelecer o encontro consigo mesmo e com Deus, para como Ele falar em espírito, em verdade e com o coração plenamente limpo⁷⁰, expectativa que pode ser identificada nas palavras de Jacinto de Deus:

No segundo Capítulo dos Cantares compara a Santa Esposa seu amado à cabra, & ao filho da corça, que andam saltando, & pastando sobre os montes de Bether. Os Doutores entendem por Bether, que significa divisão, a sagrada Religião, que é divisa, & separada do mundo, & pelos seus montes se devem de entender seus conventos. [...] no capítulo quinto dos mesmos Cantares, em que a Esposa Divina convida a seu Esposo para o seu jardim, & no mesmo capítulo, o Esposo a vai buscar a sua casa [...]. Para o horto, & jardim convida a Alma Santa a Deus [...]. A casa do Esposo representa um Convento da Religião, a porta fechada significa sua reformação, recolhimento, oração, & isenção de tratos mundanos. O jardim é menos fechado, um lugar de regalos, & recreações [...] à casa da Esposa fechada, & recolhida, vai Deus, & ai mora.⁷¹

O eremitério pode ser concebido como um convento estabelecido em lugares isolados ou no campo, cuja definição se contrapõe à ostentação de grandes conventos; porém, não implica no afastamento total do mundo, mas é um espaço para o aprimoramento espiritual,

⁶⁸ PELIKAN, Jaroslav. *op. cit.*

⁶⁹ CÂNTICOS DE SALOMÃO In: DAVIS, John Davis. *Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Hagnos, 2002.

⁷⁰ MARTÍN, Melquíades Andrés. La espiritualidad franciscana em España de las Observancias (1380 -1517). *Studia Historica. Historia Moderna*. Salamanca: Editora da Universidade de Salamanca, n.6, 1988, p. 465-479.

⁷¹ DEUS, Jacinto de. *Vergel de plantas... op. cit.*, p. 70.

em busca da perfeição evangélica⁷². Silva Dias revelou que os capuchos defendiam como ideal a residência em pequenos conventos, térreos, de construção modesta, sem conforto e situado em lugares ermos. Outro aspecto marcante da espiritualidade capucha é ser embebida na mística cristã, oriunda dos mestres contemplativos do norte da Europa e das santas videntes do medievo.⁷³

Podemos identificar no trecho supracitado de Jacinto de Deus o recurso à alegoria interpretativa ou hermenêutica, típica dos teólogos, que buscam a interpretação religiosa de coisas, homens e eventos figurados em textos bíblicos, como esclareceu João Adolfo Hansen⁷⁴. Jacinto de Deus, ao citar os “montes de Bether” descritos nos *Cantares* de Salomão, apresentou a interpretação que os “Doutores” forneceram para Beter como “separação” do mundo e os seus montes, os conventos. Conforme a explicação fornecida por Jacinto de Deus: “Bether é a nossa Santa Província dos Capuchos⁷⁵”.

Jacinto de Deus explicou que a casa do Esposo representaria um convento franciscano, enquanto a expressão “porta fechada” alude ao recolhimento necessário à vida espiritual do frade, um convento franciscano, onde Deus habita. Jean Delumeau demonstrou como noções similares estiveram presentes no imaginário cristão, que associou o “jardim fechado”, entre outros sentidos, a um espaço de felicidade, contra as mazelas do mundo pecador, portanto, um local de refúgio⁷⁶.

Ao contrário das tendências reformistas modernas dotadas de caráter humanista, os capuchos não desprezaram o significado das observâncias exteriores⁷⁷, na medida em que a interiorização da experiência religiosa (mediante a oração mental, o afastamento nos eremitérios) conviveu com práticas austeras de penitência exteriores, ou seja, a espiritualidade capucha construiu-se com base na integração da alma e do corpo, do interior e do exterior, no âmbito do fiel que se encontra em busca de Deus⁷⁸.

A combinação de religiosidade interiorizada com penitências externas pode ser identificada na caracterização de franciscanos exaltados por Jacinto de Deus, como o frade Pedro de Madalena, representado como: “Varão profético, & na oração muito assíduo, & Deus o levou à alteza da contemplação por meio do amor, que em labaredas, & flamas ardia em seu peito”. No tocante às observações exteriores, frei Pedro

⁷² MARTÍN, Melquíades Andrés. *op.cit.*, n.6, 1988, p. 465-479.

⁷³ DIAS, José Sebastião da Silva. *op.cit.* p. 155.

⁷⁴ HANSEN, João Adolfo. *Alegoria: construção e interpretação da metáfora*. São Paulo, SP: Hedra; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, p. 8.

⁷⁵ DEUS, Jacinto de. *Vergel de plantas...op. cit.* p.70.

⁷⁶ DELUMEAU, Jean. *Uma história do paraíso*. Lisboa: Terramar, s.d., p. 153.

⁷⁷ DIAS, José Sebastião da Silva. *op.cit.*, p. 154.

⁷⁸ MARTÍN, Melquíades Andrés. *op.cit.*, p. 465-479.

da Madalena foi descrito como “muito parco” no comer, “no sono tão moderado, que jamais dormiu depois da meia-noite [...] perseverara na oração até a luz da manhã”, além de assistir os enfermos⁷⁹.

Na escrita de Jacinto de Deus aparecem os atributos que são esperados dos frades capuchos, como a humildade e a paciência, tal como na descrição sobre frei Francisco das Chagas:

De sua boca nunca alguém ouviu queixa [...]. Porém, aos oitenta anos, já debilitado de forças, consumido de males, que lhe impediam a urina, & eram as dores tão grandes, que passavam os limites do humano sofrimento. Arrebutaram-lhe por todo o corpo inúmeras chagas [...] e tão penetrantes, que lhe viam as entranhas, mas não puderam contrastar sua paciência [...] e perguntando-lhe como se achava, respondia, que bem.⁸⁰

Considerações finais

O franciscano nascido na cidade do Nome de Deus de Macau, Jacinto de Deus, exerceu importantes cargos na Província da Madre de Deus dos Capuchos, em um período em que os franciscanos da mais Estreita Observância já tinham conquistado a autonomia institucional em relação aos frades de Portugal. Jacinto de Deus foi bastante cioso em registrar o estabelecimento dos frades capuchos na Ásia, sobretudo o difícil processo de estabelecimento da Província da Madre de Deus da mais Estreita Observância, em virtude das resistências apresentadas pelos frades de Portugal e da Regular Observância da Índia, com o apoio de autoridades civis, como vice-reis. Ao longo da narrativa, frei Jacinto de Deus transcreveu as bulas papais que definiram a criação da província capucha no Oriente, para que fosse preservada – e difundida – a documentação que respaldou a mencionada autonomia.

A escrita de Jacinto de Deus reproduz vários dos lugares-comuns que caracterizam as crônicas franciscanas sobre as missões na Ásia, como a presença pioneira dos frades menores naquelas terras de infiéis, a recordação dos mártires de Taná, a centralidade de São Francisco de Assis, em uma narrativa que foi permeada por elementos que definem a espiritualidade franciscana, mais especificamente a capucha. Jacinto de Deus desenvolveu a narrativa de *Vergel de plantas e flores* com base nas biografias laudatórias dos “varões” ilustres, caracterizados com base nos valores que compuseram o imaginário franciscano acerca do frade ideal: humildade, exaltação da pobreza evangélica, dedicação à oração e à vida contemplativa, penitência.

⁷⁹ DEUS, Jacinto de. *Vergel de plantas... op.cit.* p.43.

⁸⁰ *Idem.* p.55.